

ANÁLISE DO ENSINO DE LINGUÍSTICA

Rose Cristiani Franco Seco Liston,¹

Resumo

Propõe-se, para esta comunicação, uma análise acerca do ensino da Linguística, em que procurou-se tratar, principalmente, dos conceitos que se tem sobre Linguística, e o seu referencial teórico. Os dados, que disponibiliza-se para esse estudo, são textos, artigos e pesquisa na internet que discorrem sobre a linguística. Para tanto, fundamenta-se esse trabalho em autores como Saussure, Borba e Lyons, que tem por objetivo estudar as línguas do mundo de acordo com suas dificuldades e descrever o seu desenvolvimento histórico. Procura-se, ainda, explicar os fatos em que elas acontecem, uma vez que visa ao estudo sobre a língua, mais precisamente, ao estudo sobre o ensino da disciplina Linguística e seus limites na representação da aprendizagem sobre a linguagem, incluindo assim as divisões linguísticas essenciais para o processo da aprendizagem.

Palavras-chave: Ensino, Linguística, Linguagem, Línguas, Aprendizagem.

Abstract

Is proposed for this communication, an analysis on the teaching of the of linguistics where it was treated, especially, the concepts that have the language, and its theoretical framework. The data, which is available for this study are texts, articles and research on the internet that talk about language. And for both, is based on this work as Saussure Authors, Jordan and Lyons, which aims to study the languages of the world according to their difficulties and describe its historical development, it also tries to explain the facts as they happen, a instead aimed to study the language, more specifically, the study on the teaching of language and discipline its limits in the representation of learning about language, including the divisions so essential to the language learning process.

Keywords: Education. Linguistics. Language. Languages. Learning.

INTRODUÇÃO

Este trabalho foi elaborado para mostrar a importância da Linguística como conteúdo curricular. Pois, muitos graduandos, ao saírem da faculdade, não aplicam o conhecimento adquirido no decorrer do curso, por não saber o valor essencial da disciplina ministrada no decorrer da formação acadêmica. Diante disso, perceber-se que é necessário conhecer o significado da Linguística, como ela surgiu e qual é a sua cooperação para o ensino da Língua Portuguesa.

Em segundo lugar, é essencial uma pesquisa nesta área, por se tratar de um assunto que propõe uma discussão mais detalhada da disciplina de Linguística. Por estes motivos, surgiu à idéia e a vontade de fazer uma pesquisa que venha contribuir para a reflexão e questionamento de graduandos e docentes que se formam em Letras e aqueles que ministram disciplinas de Língua Portuguesa.

A escolha deste tema, e a pesquisa do mesmo, tiveram como objetivo contribuir para um entendimento mais adequado da disciplina de Linguística. Este trabalho mostra, assim, a importância da Disciplina de Linguística, sendo que para que ocorresse este processo de forma mais objetiva, realizou-se um levantamento bibliográfico sobre o tema em questão.

1. LINGUÍSTICA

Segundo Borba (2003, p. 75) a “Linguística é uma ciência geral, que estuda a principal modalidade dos sistemas sígnicos, as línguas naturais, que são a forma de comunicação altamente desenvolvida e de maior uso”.

Portanto, verifica-se que a Linguística procura descrever e explicar os fatos: os padrões sonoros, gramaticais e lexicais que estão sendo usados, sem avaliar aquele uso em termos de um outro padrão: moral, estético ou crítico.

Para Saussure (2005), no século XIX os linguistas preocuparam-se com o estudo das transformações porque passaram as línguas, na tentativa de explicar as mudanças linguísticas. A Linguística era histórica ou diacrônica². Embora defendesse a perspectiva sincrônica³ no estudo das línguas, Saussure reconhecia a importância e a complementaridade das duas abordagens: a sincrônica e a diacrônica. Em sincronia os fatos linguísticos são observados quanto ao seu funcionamento, num determinado momento. Em diacronia os fatos são

¹ Bibliotecária da Faculdade de Educação de Costa Rica (FECRA). Especialista em Metodologia do Ensino Superior e Gestão Institucional. E-mail: otntpa@yahoo.com.br

² Desenvolvimento de uma língua ao longo do tempo; o estudo desse desenvolvimento; caráter dos fenômenos culturais, sociais, etc., observados quanto à sua evolução no tempo.

³ Estágio da história de uma língua que é tomado pelo estudo.

analisados quanto às suas transformações, pelas relações que estabelecem com os fatos que precederam ou sucederam.

O estudo do fenômeno linguístico na interface com outras disciplinas criou várias áreas interdisciplinares: a etnolinguística⁴, que trabalha na relação entre língua e cultura; a sociolinguística⁵, que se detém no exame da interação entre língua e sociedade; a psicolinguística⁶, que estuda o comportamento do indivíduo como participante do processo de aquisição da linguagem e da aprendizagem de uma segunda língua. Fávero (2002) mostra que a linguística pode ser analisada do ponto de vista descritivo/explicativo, observe esta análise, logo em seguida, como descrita pelo autor.

Autores como Fávero (2002) mencionam que a pesquisa linguística desenvolvida no século XIX levou a separar cada vez mais o conhecimento científico da língua na determinação de sua norma, pois a visão prescritiva da linguagem não admite mais de uma forma correta, nem aceita a possibilidade de escolha, sendo o uso coloquial ou uma situação formal de comunicação.

Para Fávero (2002, p. 17) a abordagem descritiva caracteriza-se por um conjunto de regras gramaticais. A Linguística, portanto, como qualquer ciência, descreve seu objeto como ele é; não especula nem faz afirmações sobre como a língua deveria ser.

Assim, o autor com o objetivo de descrever a língua, mencionou que a Linguística desenvolveu uma metodologia que visa analisar dois princípios: o empirismo⁷ e a objetividade. Portanto, a Linguística é empírica porque trabalha com dados verificáveis por meio de observação; é objetiva porque examina a língua de forma independente, livre de preconceitos sociais ou culturais associados a uma visão leiga da linguagem.

1.1.1 Breve Histórico da Linguística

Observa-se que os linguistas podem ser divididos entre os que estudam a linguagem em um dado ponto do tempo (geralmente o presente, linguística sincrônica) e aqueles que estudam sua evolução através do tempo (linguística diacrônica) os séculos, cada um por vez. Geralmente, os linguistas de um campo acham que o outro campo é menos interessante e fornece menos possibilidade de compreensão dos problemas da linguagem.

Borba (2003, p. 301) relata que a linguística histórica, dominante no século XIX, tem por objetivo classificar as línguas do mundo de acordo com suas afiliações e descrever o seu desenvolvimento histórico. Na Europa do século XIX, a linguística privilegiava o estudo comparativo histórico das línguas indo-européias, preocupando-se especialmente em encontrar suas raízes comuns e em traçar seu desenvolvimento. Nos Estados Unidos, onde começou a se desenvolver, no final do século XIX, houve uma concentração sobre a documentação de centenas de línguas nativas que foram encontradas na América do Norte.

A preocupação com a descrição das línguas espalhou-se pelo mundo e milhares dessas foram analisadas em vários graus de profundidade. Quando esse trabalho esteve em desenvolvimento no início do século XX na América do Norte, os linguistas se confrontaram com línguas cujas estruturas diferiam fortemente do paradigma europeu, mais familiar, de forma que começaram a aperceber-se de que necessitavam desenvolver uma teoria da estrutura das línguas e métodos de análise.

Fora de tais preocupações, desenvolveu-se o campo conhecido como linguística estrutural, cujos pioneiros são Franz Boas, Edward Sapir e Leonard Bloomfield. Para Borba (2003) a linguística histórico-comparativa ser aplicada a línguas desconhecidas, o trabalho inicial do Linguista era fazer sua descrição completa. A linguagem verbal era, geralmente, vista como consistindo de vários níveis, ou camadas, e, supostamente, todas as línguas naturais humanas tinham o mesmo número desses níveis.

Segundo Lyons (1987, p. 135):

Os especialistas há muito tinham consciência de que as línguas mudam com o tempo. Sabiam igualmente que muitas das línguas européias descendiam, de certo modo, de línguas mais antigas. Por exemplo, sabia que o inglês tinha se desenvolvido a partir do anglo-saxão, e o que hoje chamamos de línguas românticas – o francês, o espanhol, o italiano etc. teve sua origem no latim. Entretanto, antes de se estabelecerem os princípios da linguística histórica não se tinha consciência, de um modo geral, de que a mudança linguística é universal, contínua e consideravelmente regular.

A história da linguística é essencial para que se conheça o processo da língua em diversos contextos da estrutura gramatical. Para conhecer um pouco mais sobre linguística pauto-me na concepção de Ferdinand de

⁴ O estudo da linguagem de sociedades sem escrita.

⁵ Conjunto de estudos linguísticos, antropológicos e sociológicos que tratam dos aspectos sociais do uso da língua, esp. das variações linguísticas que se dão no interior de um grupo, conforme as diferentes posições, funções ou circunstâncias dos indivíduos ou dos subgrupos de que estes fazem parte.

⁶ Disciplina que compreende o estudo do sistema linguístico adquirido (a gramática), dos métodos de aquisição desse sistema, e dos modelos de percepção e locução.

⁷ Doutrina ou atitude que admite, quanto à origem do conhecimento, que este provenha unicamente da experiência, seja negando a existência de princípios puramente racionais, seja negando que tais princípios, existentes embora, possam, independentemente da experiência, levar ao conhecimento da verdade.

Saussure, Genebra (1857-1913). Saussure foi um linguista suíço cujas elaborações teóricas propiciaram o desenvolvimento da lingüística enquanto ciência e desencadearam o surgimento do estruturalismo. Além disso, o pensamento de Saussure estimulou muitos dos questionamentos que compõem na lingüística do século XX.

Saussure, era filho de um eminente naturalista, foi logo introduzido aos estudos lingüísticos por um filólogo e amigo da família, Adolphe Pictet. Saussure estudou Física e Química, mas continuou fazendo cursos de gramática grega e latina. Por fim, convenceu-se de que sua carreira estava nos estudos da linguagem e ingressou na Sociedade Lingüística de Paris. Estudou línguas européias em Leipzig, e aos vinte e um anos publicou uma dissertação sobre o primitivo sistema das vogais nas línguas indoeuropéias, a qual foi muito bem aceita. Defendeu sua tese sobre o uso do caso genitivo em sânscrito, em Berlim, e depois retornou à Paris, onde passou a ensinar Sânscrito, Gótico e Alto Alemão e depois Filologia Indo-Européia. Retornou a Genebra, onde lecionou sânscrito e lingüística histórica em geral. Em 1906 foi encarregado de ensinar Lingüística Geral, e com isso realizou conferências que apresentaram conceitos que mudaram completamente o modo de encarar a lingüística.

Entendia a lingüística como um ramo da ciência mais geral dos signos, que ele propôs fosse chamada de Semiologia. Graças aos seus estudos e ao trabalho de Leonard Bloomfield, a lingüística adquire autonomia e seu objeto e método próprio passam a ser delineados. Seus conceitos serviram de base para o desenvolvimento do estruturalismo no século XX.

Ao estudarmos a Morfologia da Língua Portuguesa, devemos conhecer antes o objeto da Lingüística, que é a Língua. O estudo da lingüística como estudo científico da linguagem começou pela publicação, em 1916, do Curso de Lingüística Geral de Fernando de Saussure. A partir daí, todo o estudo lingüístico vai ser definido como "antes" ou "após" Saussure.

2. LINGUAGEM

Lyons (1987) nos relata a história do estudo da linguagem, como uma trajetória de conhecimento, volvido para o significado da mesma, fundamentado em concepções da análise da palavra.

Inicialmente, foram razões religiosas que levaram os hindus a estudar sua língua, para que os textos sagrados não sofressem modificações no momento de ser proferidos. No século IV a.C. os gramáticos hindus dedicaram-se a descrever sua língua, produzindo modelos de análise. Os gregos queriam definir uma relação entre a palavra e o seu significado. No século XVI, a religiosidade ativada pela Reforma provoca a tradução dos livros sagrados em numerosas línguas.

Em 1660, a *Grammaire Générale et Raisonnée de Port Royal* demonstra que os princípios de análise estabelecidos não se prendem a uma língua particular, mas servem a toda e qualquer língua. O conhecimento de um número maior de línguas vai provocar, no século XIX, o florescimento das *gramáticas comparadas e da Lingüística Histórica*. O estudo comparado das línguas vai evidenciar o fato de que as línguas se transformam com o tempo, independentemente da vontade dos homens, seguindo uma necessidade própria da língua e manifestando-se de forma regular.

Já a Lingüística Histórica estuda a descoberta de semelhanças entre essas línguas e grande parte das línguas européias vai evidenciar que existe entre elas uma relação de parentesco. A Lingüística moderna considera a prioridade do estudo da língua falada como um de seus princípios fundamentais.

Antigamente, a Lingüística não era autônoma, submetia-se às exigências de outros estudos. Lyons (1987) menciona que a linguagem é entendida como o reconhecimento de que as línguas naturais, notadamente diversas, são manifestações de algo mais geral.

Saussure (2005) considerou a linguagem "heteróclita e multifacetada", pois abrange vários domínios; é ao mesmo tempo física, fisiológica e psíquica; pertence ao domínio individual e social; "não se deixa classificar em nenhuma categoria de fatos humanos, pois não se sabe como inferir sua unidade".

Borba (2003) menciona que no século XX, o norte-americano Noam Chomsky trouxe para os estudos lingüísticos uma teoria conhecida como gerativismo, que, conforme Chomsky, a linguagem é transmitida geneticamente e própria da espécie humana.

Na linguagem não existe apenas uma forma para a comunicação ou expressão, mas sim variadas formas para cada tipo de pessoa ou lugar. Todos os tipos de linguagem podem se tornar muito simples, desde que todos nós conheçamos todas elas nem que seja o mínimo possível. Porque por mais difícil que seja, sempre existe uma forma para comunicar, mesmo sendo em um país onde não sabemos uma palavra sequer, então através de gestos, desenhos e outros podemos chegar ao ponto desejado.

Borba (2003) relata que Herder, no livro a História da Filosofia de Bernadeth Siqueira Abraão, disse que:

A linguagem não é apenas um instrumento de comunicação, mas também o próprio pensamento do ato. O conhecimento não se separa da forma lingüística em que se expressa, e por isso a linguagem também constitui o limite, ainda que móvel, do pensamento. A linguagem não se organiza apenas segundo

princípios racionais. As palavras irradiam a capacidade de comunicação para os domínios mais amplos da vida e das forças que a integram, modificam-na e a expressam⁸.

Por ser a linguagem um instrumento de comunicação e também o próprio pensamento, isso nos deixa bem claro que não existe uma linguagem sem pensamento e, tão pouco, um pensamento sem linguagem, pois ambos estão intimamente ligados. E por mais que aprendemos palavras ou frases novas não falamos apenas como ouvimos, mas pensamos e modificamos a fala toda vez que falamos ou que repetimos alguma coisa semelhante àquelas que ouvimos antes.

Linguagem é todo sistema organizado de sinais que serve como meio de comunicação entre os indivíduos. Tanto a verbal quanto a não-verbal expressam sentidos e, para isso, utilizam-se de signos, com a diferença que, na 1ª, os signos são constituídos de sons da língua (mesa, fada, árvore), ao passo que nas outras exploram-se outros signos como as formas, a cor, os gestos, os sons musicais, etc. Em todos os tipos de linguagem, os signos são combinados entre si, de acordo com certas leis, obedecendo a mecanismos de organização⁹.

Isso quer dizer que para cada situação existe uma solução, cada palavra tem sua combinação de letras que, por sua vez é a combinação de signos. No caso das pessoas surdas-mudas, seria quase impossível usar a linguagem verbal, pois elas entenderiam muito pouco, então é onde se explora mais a linguagem das formas, das cores e dos gestos. Já em casos de pessoas com deficiência na visão, podem ser usados à linguagem verbal, os sons, os ruídos, pois a pessoa conseguiria entender muito bem, desde que não se use a linguagem manuscrita com ela.

3 A IMPORTÂNCIA DA LINGÜÍSTICA

Sabe-se que a Língua Portuguesa vem passando por modificações relevantes em sua estrutura gramatical, e dentro deste contexto, deve-se perceber que toda mudança, leva-nos a um novo pensamento reflexivo. Assim muda-se a estrutura da escrita e não da fala, pois a fala é pertencente a vários grupos sociais, pois somos um povo regionalista, com sotaque diferente, residimos em um mesmo país, usamos uma mesma escrita, mas falamos de forma diferente.

Neste sentido Rodrigues (2007, p. 12) nos relata que:

A Linguística é a disciplina que estuda cientificamente a linguagem humana, descrevendo e explicando como funciona o sistema de uma determinada língua particular. Por exemplo, um linguista escolhe uma comunidade indígena para estudar a língua dos falantes dessa comunidade. Primeiro, ele registra os sons dessa língua, ou seja, descreve foneticamente os sons da língua. Hipoteticamente, ele registra a sequência sonora [kaskeka]. Depois, começa o trabalho fonológico, que consiste em comparar tais sons a outros sons para saber se aqueles são fonemas ou não. Sequencialmente ocorre o trabalho de relacionar o segmento sonoro ao seu significado.

Nesta concepção, pode-se considerar que as línguas de cada região são adequadas às necessidades e características da cultura a que servem, pois nos PCNs de Língua Portuguesa é evidenciada a concepção de linguagem como interação que se realiza nos gêneros. No item "Discurso e suas condições de produção, gênero e texto" (BRASIL, 1998, p. 20-21) aparecem referências à teoria da enunciação: interagir pela linguagem significa realizar uma atividade discursiva: dizer alguma coisa a alguém, de uma determinada forma, num determinado contexto histórico e em determinadas circunstâncias de interlocução. Isso significa que as escolhas feitas ao produzir um discurso não são aleatórias, ainda que possam ser inconscientes, mas decorrentes das condições em que o discurso é realizado.

Assim, ao citarem as concepções mais recentes sobre o ensino de língua materna, Rodrigues (2007) relata que esses documentos oficiais despertaram o interesse dos linguistas aplicados, que voltaram sua atenção para o trabalho com os gêneros na sala de aula, procurando formar "parcerias" com os professores do Ensino Fundamental e Médio, estes surpreendidos pela tarefa de incorporar em seu cotidiano profissional uma nova orientação teórica cujo primeiro contato, para a maioria, está ocorrendo depois de muitos anos de concluída a graduação e de uma prática fundamentada em outras orientações.

Neste sentido a disciplina de Linguística tem se tornado cada vez mais essencial, pois pode-se observar, que várias Instituições de Ensino Superior no decorrer dos últimos anos estão oferecendo aos seus egressos do Curso de Letras, especialização voltada para a área de linguística, para que o docente venha a ter uma nova reflexão sobre e como trabalhar de forma adequada o processo linguístico em sala de aula, através de novas reflexões e conhecimentos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Espero que as informações aqui descritas ajudem acadêmicos, docentes e coordenadores de cursos de Letras a refletirem cada vez mais sobre a real importância da Linguística no que tange seu patamar real de disciplina básica do curso.

⁸ Fonte: <<http://criamundos.do.sapo.pt/Linguística/pesquisalinguagem001.html>>

⁹ Fonte: <<http://criamundos.do.sapo.pt/Linguística/pesquisalinguagem001.html>>

Diante da sua multidisciplinaridade, que não atinge somente a sala de aula, mas vários outros contextos sociais se tornam importantes desmistificar a ideia de que essa disciplina se refere somente à aplicação da Linguística. É importante ressaltar, no entanto, que não se deve excluir totalmente as contribuições de outras ciências da linguagem, pois foram a partir delas que a Linguística se fundamentou.

Portanto, deve-se destacar que a Linguística busca subsídios teóricos em várias áreas de investigação relevantes, visto que primeiramente o indivíduo deve ser exposto a um mínimo de informações sobre o surgimento da Linguística, bem como seu percurso até os dias atuais, para então construir o conhecimento apropriado sobre a disciplina. Nesta visão, o interesse e boas perspectivas são fundamentais para que se descubra que esta área é rica na investigação sobre as questões de uso da linguagem que serão encontradas em nossa prática pedagógica ou em qualquer outro contexto social.

REFERÊNCIAS

BORBA, Francisco da Silva. **Introdução aos estudos linguísticos**. Campinas SP: Pontes Editores, 2003.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: língua portuguesa. Brasília: A Secretaria, 1998.

FÁVERO, Leonor Lopes e; KOCH, Ingedore G. Vilhaça. **Linguística textual**: uma introdução. São Paulo: [s.n], 2002.

LYONS, John. **Linguagem e Linguística**. [s.l]: LTC, 1987.

RODRIGUES, Nara Caetano. Contribuições da linguística para a mudança no objeto de ensino da disciplina de língua portuguesa. **Artigo**, 2007. Disponível em:

<<http://www3.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/cd/Port/103.pdf>>. Acesso em: 12 de fev. 2009.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 2005.